

INSTITUTO
CABOCARDIANO
DE PESQUISA E CULTURA
CABOCARDIANO



SEMEAR EM PÓ

Contos

Fátima Bettencourt

Fátima Bettencourt

*Imptle
o trabalho
na tradição
(arte & tradição)*

SEMEAR EM PÓ

Contos

Praia, Maio 94

FICHA TÉCNICA

Título:	Semear em Pó
Autor:	Fátima Bettencourt
Prefácio:	Gabriel Moacyr Rodrigues
Edição:	Autor, Ministério da Cultura e Comunicação e Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco
Ilustração da Capa:	Kiki Lima - Pintor e Designer
Capa e Arranjo Gráfico:	Sector Gráfico do CRE da ESE/Setúbal
Composição Electrónica:	Sector Gráfico do CRE da ESE/Setúbal
Impressão e Acabamentos:	Sector Gráfico do CRE da ESE/Setúbal



Ministério da Cultura e Comunicação

Depósito Legal: 77485/94

Setúbal, 1994 • 1ª Edição • 1ª Tiragem • 1000 Exemplares

“O homem é o animal que conta histórias. Para onde quer que vá, quer deixar atrás de si não uma esteira caótica, não um espaço vazio, mas as reconfortantes bóias de sinalização e pistas de histórias. Tem de estar sempre a inventá-las. Enquanto houver uma história tudo está bem. “

GRAHAM SWIFT
(in “O País das águias”)

Summe / 9 6

Aos meus pais
que me transmitiram algumas destas histórias
e com elas o respeito e carinho pelo ser humano.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos ao Ministério da Cultura e da Comunicação Social, à Escola Superior de Educação de Setúbal e ao Doutor Raul Carvalho que deu a maior força ao meu projecto.

À LAIA DE PREFÁCIO

Semear em Pó é um feixe de recordações e informações de infância numa linguagem fluente onde as palavras se combinam para nos fazer viajar no tempo para o espaço do universo ilheno, belo e querido. É constituída de curtas crónicas em que as circunstâncias não são imaginadas mas sim vividas: de secas e as-águas, de gafanhotos e midje, de tintinha e midjinha. As observações tão perspicazes avivam a memória, a recordação.

Fátima recupera para nosso gáudio uma época de bem estar social, em S. Vicente, tão importante para o nosso reequilíbrio emocional. A seca e a morte do avô são meros pontos de referência para o acontecer falar, como alternativas de um passado cheio de momentos felizes.

Fazendo jus à citação de Graham Swift, a autora vai deixando atrás de si "pequenas boias e pistas" da história humanizada através desses pequeninos *sketches*: é um mundo povoado de imagens reais que giram na sua paisagem cultural e que povoam a memória do adolescente que no-las conta, numa linguagem simples, desprezenciosa, cheia de carinho, com alguns laivos de fina ironia. Diríamos que o "seu subjectivo está impregnado duma subjectividade em que se adivinha a concepção racional de vida" que se abre aos olhos do adolescente, contador de histórias, seguidor dos mais velhos.

Liga duas ilhas através do mesmo espaço - o rural. Mato inglês é a paisagem humanizada não só pelas suas personagens vivas, tradicionais - os homens da enxada - mas também através dos olhos das crianças que um dia tiveram a desdita de deixarem o seu mundo, o seu "lugar" para virem para a Ilha do Porto Grande, Cidade do Mindelo, refúgio da época. A transição dá-se, felizmente sem sobressaltos. Mato inglês é o mundo de reencontro também do poeta italo-mindelense Sérgio Frusoni com o passado caboverdiano sem romper com o italiano doméstico. É o mundo crioulo.

Moacyr Rodrigues
Mindelo 1994

VÔVÔ

(Uma história de amor e morte)

— Puiu meninos, vosso avô morreu e não podem estar nesta brincadeira, admoestou Marcelino.

Por breve instante parámos de saltar atrás de um gafanhoto tentando compôr uma atitude de circunstância. Afinal de contas era o nosso avô mais querido, para nossos tenros anos um poço sem fundo de saber e de histórias fantásticas.

Logo porém zzz..... passa no ar algo tão rápido que mal vislumbrámos o reflexo do sol em suas asas. Era outro gafanhoto e rapidamente esquecemos o avô morto e partimos em correria desatada tentando aprisionar o ágil e imprevisível saltador.

Aí eu já estava mais preocupado com os suspensórios do meu irmão. Julinho, com apenas 7 anos nunca tinha conseguido manter no lugar os suspensórios. O do ombro esquerdo sempre caía sem graça sobre o braço enquanto se soltava a fralda da camisa do mesmo lado. Isto junto

a um nariz de limpeza duvidosa constituíam motivo da minha constante arrelia pois eu, já com 9 anos, era uma menina sempre certinha a quem nunca ninguém surpreendia com um catarro mal assoado ou uma roupa desalinhada.

— Lá em casa vocês vão-se entender com o vosso pai. Vou-lhe contar tim-tim por tim-tim tudo o que fizeram neste caminho.

Era novamente a voz do Marcelino que nos chamava a atenção com seus olhos esbugalhados e umas farripas de cabelo espreitando da boina sebenta onde sempre se anichava uma beata que nunca o víamos fumar. Sim, porque Marcelino era homem respeitador. Afilhado dos meus pais mas meio débil mental, trabalhava na horta, levava os animais a beber e também dava umas ajudinhas em casa. A sua cara sempre séria de vez em quando rompia numa cascata de riso que não compreendíamos muito bem. Esse porém não era um dia para gargalhadas no entender de Marcelino. Já que meu avô morrera, ele como homem de confiança da casa devia assumir atitude fúnebre. Apesar do calor de Junho, Marcelino vestia um casaco de lã escura com um alfinete a prender as pontas da gola sobrepostas e aconchegadas ao pescoço. Como podíamos rir e saltar num momento daqueles, com o corpo do nosso avô derriba de terra?

Conhecíamos aquela estrada do Mato Inglês como as nossas mãos. Quantas vezes a tínhamos percorrido a pé ou no lombo do Cruzeiro, nosso burrinho de estimação! A horta de Mané Gêgê onde vivíamos ficava a cerca de 8 quilómetros da cidade. Bonita horta, bem tratada, com 2 poços, 3 tanques, árvores enormes sob as quais se abriam clareiras a que chamávamos "*praças*". Quando chovia, dava comida em cima das pedras. Aquela horta foi o cantinho que meu pai escolhera para se instalar com a sua família quando se mudara de S. Antão para S. Vicente empurrado pela seca.

Meu pai, filho primogênito de uma família de agricultores proprietários, sempre trabalhara a terra e dela tirara o sustento da casa como seu pai e avô. A criação de animais, a sementeira, a colheita, eram tarefas que faziam parte integrante da sua vida e abrir mão delas era como sofrer uma mutilação. Assim a sua chegada a S. Vicente, ilha da minha mãe, foi para ele algo como entrar numa prisão. Homem de grandes espaços, via a casa com o terreiro à frente e grande área livre a toda a volta trocada por 3 cubículos e um quintal minúsculo, sem nenhum espaço exterior a não ser a própria rua de terra solta e meninos sujos jogando bola de meia. E água? Isso só na fonte de Nhô Jonzóna, puxando por uma corda amarrada a um balde. E lenha? Qual quê. Só se podia usar um carvão que produzia uma fumarada horrível.

Além da seca e da fome havia também a guerra e o acionamento de gêneros. Enfim, foi demais para meu pai habituado como estava a guardar tabaques de milho de um ano para o outro, tábuas de queijo, tambores de feijão, paus de linguiça, etc.. Desesperado, saiu pelos campos de S. Vicente até encontrar no Mato Inglês a horta onde viveríamos 5 anos maravilhosos e inesquecíveis.

Mais abaixo a Igrejinha, o lugar mais ventoso da região, nos fascinava pela casa de gente branca que havia lá, gente que nos cumprimentava sorridentes lá no campo mas na cidade fingiam não nos ver. Foi assim que descobri que gente branca era mesmo diferente. Pela vida fora confirmei a minha convicção. No Liceu algumas colegas dessa espécie me conheciam e falavam muito bem mas ao encontrá-las no cinema, elas nos camarotes, eu na bancada, o seu olhar me atravessava como se eu fosse uma simples vidraça.

Um pouco mais abaixo era a Montóna, uma encruzilhada estratégica do Mato Inglês onde a estrada se bifurcava para a cidade e para o Fundo de Moque, um lugar agradável para piqueniques, com muitas árvores e casas bonitas e mais além Barro Branco que até hoje lastimo não ter conhecido.

Toda a estrada era cheia de recantozinhos admiráveis para as nossas brincadeiras. Ali naquela espinheira apanhámos um dia um ninho de pardais, mais adiante na curva de José Brasileiro havia umas uvinhas de macaco deliciosas, depois o Seixal com tudo calcinado à volta e de repente uma bomba girando e puxando água de baixo da terra para uma hortinha minúscula e verde, um oásis, a acreditar no que rezava o meu livro.

Eis Pedra Rolada. Já se sente o cheiro da cidade. Vão rareando os gafanhotos e a cada metro que avançamos, menor é a nossa vontade de brincar. Marcelino, preocupado com o nosso silêncio, começou a tirar-nos conversa meio desajeitado:

— Era melhor termos trazido o Cruzeiro. Este caminho debaixo de sol não é para meninos da vossa idade. Nós muque, nem o ouvíamos, já obsecados pela aproximação do inevitável. Dentro de momentos chegaríamos a (Fonte) Filipe, à casa do vovô e em vez das vigorosas palmadas no rabo com que habitualmente festejava a nossa chegada, íamos vê-lo estendido e quieto num caixão, tão distante como se nunca nos tivesse sentado nos seus joelhos, suspensos da sua gostosa narrativa de Carlos Magno e os pares de França/ou as façanhas dos aliados na última guerra. Tudo isso tinha desaparecido para sempre e se calhar até íamos sentir medo ao vê-lo ali tão imóvel e frio. Mas como sentir medo de alguém tão querido?

Ouvi uma fungadela e pensei, lá está o Julinho com o seu maldito nariz outra vez. Ao olhar porém para ele vi então que grossas lágrimas lhe caíam dos enormes olhos que me fitavam como que a pedir a protecção de quem sempre se portara à altura das situações. Dessa vez porém não encontrou ajuda ou então encontrou a única que lhe servia. Abraçámo-nos e chorámos nosso querido avô até nos sentirmos aliviados. Assumindo o comando da situação comecei a contar ao Julinho uma das histórias perdilectas do vovô.

AS MANTAS DE MAMÃ

Nhô Silvestre limpou com as costas da mão um catarro castanho de nicotina e voltou ao seu tear manual e primitivo onde ganhava a cachupa de cada dia tal como o seu pai, avô e bisavô tinham feito no passado desde que mundo era mundo.

Tradição

Seus dedos calosos e deformados iam e vinham sem parar apesar dos 70 anos que lhe pesavam como chumbo nas costas curvadas. Desde manhãzinha ao desimparinho suas mantas de penélope não tinham fim.

Nhô Silvestre assumia com total autoridade o seu lugar de chefe da equipa de tecelagem sempre funcionando sob o coro dos espirros e da tosse provocados pela poeira da lã que as mulheres manuseavam sem parar.

Sempre lacónico o velho tecelão dirigia todas as operações com um olhar, uma fungadela, uma ruga entre os olhos e em casos extremos um grunhido, yá lá um monossílabo. Dominando uma por uma as técnicas ancestrais exemplificava cada uma das fases desde a limpeza da lã à

↓
|
—
|

separação, cardação, fiação, até os fios chegarem ao tear, agora sim manipulados apenas por ele. Delegava em nha Ninic a mais velha de todas, a responsabilidade de orientar o trabalho das outras mulheres e também a função de fiscal da qualidade e do rigor, uma coordenação perfeita.

Nha Ninic no cumprimento do dever era insuperável. Não perdoava o mínimo mané-gatim que por descuido era deixado pela limpadeira. Rigorosa na separação da lã por cores: o castanho, o branco, o bege, o cinzento, o preto, não podiam ficar mesclados devolvendo o produto às separadoras tantas vezes quantas fosse preciso sempre acompanhado de severa reprimenda que até chegava à expulsão em casos de reincidência. Guardo até hoje na memória o som da voz nasalada invectivando as outras: “*Ah cusa! ah perquéria! 'nê més qu'ê bô ciência? Bé, bé mrê d'fome na porta d'grêja!*”. (1)

À medida que se passava de uma fase a outra imediata, maior era o prestígio da artífice, mais velha era a mulher e mais respeitável também. Era assim que a cardação, bem no meio do circuito acabava sendo executada por mulheres maduras ainda na força da vida, com braços suficientemente fortes para manejar a carda de onde a lã saía em longos e fofos rolos que eram imediatamente passados às fiandeiras, super habilidosas e atentas ao movimento de prender a lã à extremidade do *kitch* que impulsionado pelo polegar friccionando o dedo médio, girava em rodopio amparado pelo círculo formado pelo polegar e o indicador da mesma mão, enquanto a outra mão alimentava continuamente o *kitch* com os fofos rolos de lã cardada. Perfeitamente sincronizadas, elas lá iam imprimindo mais ou menos força de acordo com a grossura do fio pretendido: mais grosso, *gacê*, mais fino e mais resistente, *falê*, nenhum dispensando o outro, ambos indispensáveis. Sempre sob a supervisão implacável de Nha Ninic, a lã transformada em novelos chegava finalmente às mãos de Nhô Silvestre que ainda que não tivesse perdido pitada de todas as fases da operação, tomava

entre as grossas mãos o produto e o observava minuciosamente à procura da mínima falha, alguma imperfeição que tivesse escapado ao olho birudo de Nha Ninic conhecedora antiga de todas as transformações que a lã sofria desde que saía do lombo do carneiro até virar o quente cobertor tão divulgado e apreciado naquela zona de Santo Antão, fria quase todo o ano.

No fim da linha de montagem Nhô Silvestre tirava as faixas do tear e ía amontoando numa esteira para mais tarde serem cosidas umas nas outras e poder, orgulhoso, depositar nas mãos da sua benfeitora e patroa o produto final, uma obra prima.

— Para quê que mamã quer tanto cobertor de lã? - Eu sempre perguntava mas ela sorria e dizia: “deixa Nhô Silvestre sossegado no seu trabalho”. Realmente sossego era o que não lhe faltava. Sossego e três pratos de comida por dia era tudo quanto aquele velho queria. Mamã, essa ia acumulando manta sobre manta à medida da lã que os carneiros das redondezas produziam.

Menininha levada do diabo, eu sempre tentava perturbar o sossego de Nhô Silvestre, homem de poucas falas:

- Porquê o seu cabelo é igualzinho a esta lã?
- E esta lã castanha, porque é diferente da outra?
- Também tem lã preta? Nunca vi carneiro preto. Quase esta lã é de cabra...

Nhô Silvestre ria seu riso arfante de fumador e dizia “menininha louvar a Deus! Providência divina há-de criar-te para o bem!” E eu sempre → inventando perguntas, cada uma mais incomodativa, dava voltas e caía na mais perturbadora de todas: “para que mamã quer tanta manta de lã!”
Um dia Nhô Silvestre não aguentou mais. Largou o tear, pegou em mim, pôs sobre os joelhos e falou:

— “Oh menininha de Deus, tua mãe é uma santa. Devia estar no altar da igrejinha de Chã de Norte. Ela não é destes lados. Quando ela apareceu nestas bordaduras toda a gente a olhou de lado. Menina fina de S. Vicente, de unhas polidas, meias de fio de Escócia, vestidos de seda inglesa, o que vinha fazer na nossa ribeira uma mulher de pena? Mas ela chegou, tomou conta da escola, tomou conta de todos nós nesta ribeira e já não sabemos passar sem ela. Quando tu nasceste ela voltou de bordurinha de cova e disse que ia voltar lá para a sua ilha. Toda a gente deste lugar juntou e eu fui na frente pedir a ela de esmola para ficar. Depois veio esta carístia, guerra e fome e ela para me ajudar pôs-me aqui a fazer estas mantas de lã. Este lugar é muito frio mas de todo o jeito é manta de mais.

Então um dia eu entendi tudo quando ela apanhou uma e deu a um pobre que passava. Afinal tua mãe não precisava de todas estas mantas mas ela sabe que não sei fazer mais nada e minha pobreza honrada não me deixa roubar nem pedir. Então ela me sustenta e me paga ainda por cima, para a minha família não passar necessidade.”

Tarde da noite acordei na minha cama e no escuro sobressaltado de mil ruídos nocturnos fiquei pensando se aquela história de fadas fora um sonho ou se Nhô Silvestre a inventara para me distrair.

↓
mae

(1) - Expressão em língua crioula cujo sentido é: “Ó desleixada! Não és capaz de fazer melhor? Vai, vai morrer na porta da Igreja!”

5) MUCULA

Mamãe diz que é impossível eu me recordar dessas coisas mas na verdade vejo-as desfilar como num écran, em quadros vivos, porém nebulosos, característica que sempre atribui ao facto de se tratar de lembranças muito antigas, mas a minha mãe que não, que aquela costa do Norte era muito fria mesmo e tinha sempre uma nevoazinha rondando.

No meio da névoa os meus pés descalços andaram da porta até à empena e espreitei para trás da casa. Lá estava o pé de “charuteira” que fustigava a janela do meu quarto em noites de vento e tanto medo me fazia. Por mais que a olhasse durante o dia, pobre e inútil arbusto, à noite sempre me metia medo. Mas como de dia não me assustava, andei para lá e vi o moinho de ralar milho que ficava mais além. Por trás da pedra do moinho algo também redondo mas mais pequeno e que se mexia, chamou a minha atenção.

Mais um passo e outro e outro. Através daquela névoa tudo parecia meio irreal. Cheguei e vi o Marcolino dobrado sobre si mesmo num

choro sem remédio, daqueles em que as lágrimas caem sem parar. A dor era bem visível até para os dois anos e meio que eu tinha na altura:

*maneira
autora*

- Mucula, que tens?
- Nada. Vai para casa.
- Mucula, mamãe te castigou?
- Oh menininha do diacho, some daqui.

E eu já contagiada por aquela dor tão funda, que desfigurava o rosto sem idade de Mucula, rompi numa choradeira tal que Mucula suspendeu a dele, tal o susto que levou, não fosse alguém pensar que estava a fazer-me alguma maldade.

- Anda, vem cá. Olha, pára com esta guisa e eu te conto já já, porque estou chorar. É que morreu a minha mãe.
- Mãe? Qual mãe? Tu não tens mãe.
- Agora não tenho, mas tinha sim.
- Então porque estás cá em casa e não com ela?
- Sabes a minha mãe era... - e espetou o dedo na cabeça num gesto bem eloquente que a minha pouca idade não entendeu.
- Ela apanhou uma pancada na cabeça?
- Bem é quase isso. Quando eu nasci ela já era doente. Ela cortou o meu umbigo com uma pedra, pegou-me pelos pés e veio pôr-me aqui no vosso terreiro. Então a tua mãe ficou comigo para criar.

loucura

Levantei o meu vestidinho e fiquei olhando o meu próprio umbigo matutando sobre o que havia ali para cortar à pedrada.

PRIMO BITÚ

No dia do Ano Novo, mais fatal que o destino, chegava todos os anos Primo Bitú à nossa casa, bem de manhãzinha.

Ainda no rescaldo do Natal, nós, os meninos da casa também madrugávamos, agarrados às cornetas, bolas e bonecas de farrapos no limite do transitório encanto. Já não causavam o deslumbramento de uma semana atrás, mas havia sempre a possibilidade de se recriar a beleza perdida da boneca acoplando-lhe uma cabeleira com bonitas e frescas barbas de milho, que a nossa horta do Mato Inglês produzia praticamente todo o ano. Umas havia da cor de ouro velho, brilhantes e sedosas que logo transformavam a feia boneca de feições espalmadas numa linda vampe. Mal imaginava eu na minha infância tão simples, que tinha nas mãos a precursora da sofisticada Barbie *globalizada* que muitos anos mais tarde viria a encantar a meninice das minhas filhas e atrapalhar os meus orçamentos sempre deficitários de jovem mãe, as toilettes e adornos da Barbie não mais colhidos da natureza, adquiridas antes a peso de ouro.

Os meninos/machos da casa, esses rapidamente descobriam que a flauta de cana com os buraquinhos vedados por finíssimas teias de aranhas tinha possibilidades melódicas de longe superiores às da corneta do Pai Natal. Esta então era utilizada como moeda de troca e ia deslumbrar os meninos de nhô Brás, do outro lado do pequeno vale, que em contrapartida esvaziavam os bolsos de piões, guitas e botões.

Por aí se vê que a nossa manhã do dia de Janeiro era ocupadíssima, sem espaços mortos. Como então arranjar tempo e paciência para Primo Bitú com a sua cara bexiguenta, os seus olhos aguados e nebulosos e as enormes orelhas que no último Janeiro descobríamos serem transparentes?

Primo Bitú usava sempre casaco e bengala. O seu ar soturno condizia com a fala pousada e grave. Parecia estar sempre triste. Estendia às pessoas uma mão fria e frouxa como se estivesse apresentando condolências. Tinha a mania de nos abençoar com aquela mesma mão de casa de morto inspirando-nos mais medo que qualquer outro sentimento.

Meu pai então para evitar que passássemos do medo ao goso, falava do primo com grande entusiasmo e mostrava-nos que ele era pessoa muito direita a quem devíamos respeitar.

Naquela manhã Primo Bitú chegara mais cedo que de costume. Ainda se ouvia o pilão na preparação da farinha para o cuscus. Meu pai, mais madrugador, fora à horta buscar um cachinho de banana prata especialmente guardado para aquele dia de festa.

Na verdade tratara-se apenas de um subterfúgio para encobrir o seu principal objectivo que era matar um cabrito para o almoço, mas isso ele não podia dizer.

Havia muita criação em nossa casa e a nossa relação com os filhotes era tão íntima e cheia de ternura que matar um deles, à vista dos meninos, estava totalmente fora de questão. Cabrito, franguinha, leitão, burrinho,

cada um tinha um nome próprio e era o bichinho de estimação de alguém da casa e o companheiro de brincadeira dos garotos.

É certo que víamos a carne aparecer à nossa mesa mas sempre surgia alguma história que justificava a sua origem ou o desaparecimento de um bichinho mais querido. Só as mortes por doença eram declaradas e choradas como daquela vez que o nosso burrinho “Crêtcheu” apareceu morto e não queríamos deixar enterrá-lo. Por fim lá assistimos ao enterro empunhando ramos de flores bravias que íamos orvalhando com as nossas lágrimas. Durante o dia ficámos meio macambúzios, aquele bichinho que parecia um boneco de pelúcia e saltava conosco pelos pilares da horta não estava mais ali e isso nos causava uma dor enorme. Com o crescer do dia fomos tentando distrair-nos com outras coisas, o que não faltavam eram coisas para nos desviar a atenção. Foi nesse dia que a nossa galinha “dourada”, sumida havia dias, surgiu no terreiro com um bando de pintainhos felpudos atrás. Esquecemos “Cretcheu” temporariamente e só à tarde deparámos com a mãe do burrinho, nessa manhã enterrado, de orelhas murchas, a ração intacta, toda desconsolada. Então ocorreu-nos que se ela sentisse alguém a mamar o seu leite pensaria que era o filho e se sentiria melhor. Sem mais delongas passamos à acção e quando a minha mãe descobriu, estávamos a mamar o leite da besta havia dias. Ela ficou brava e nem as nossas piedosas justificações foram aceites. Salvou-nos Nhô Cirilo, um dos empregados, que garantiu que o leite da burra era excelente para os pulmões e que muita doença fraca era curada com ele.

*Durou me
deixar ser
onde*

Salvo o devido respeito por primo Bitú, o burrinho “Cretcheu” tem um cantinho muito especial nas minhas recordações. Daí o parêntesis e a inesperada homenagem. De resto, naquela manhã, o nosso problema era o que fazer com aquele primo tão matutino e pontual. Fomos logo avisar a minha mãe que achou que o melhor era oferecer-lhe uma cadeira ali mesmo no terreiro, a casa não estava ainda devidamente arrumada para gente de fora. Era dia de festa e os preparativos muito mais complicados.

Da enorme mala de madeira a minha mãe já retirara uma colcha de seda branca e uma toalha com renda à volta e ia começar a arranjar tudo, mas essa visita tão matinal era quase um contratempo. Se bem que ela nunca tivesse falhado nos anos anteriores, nós sempre alimentávamos a esperança de poder um dia sentar-nos à mesa do café sem aquela figura sinistra mastigando lentamente e sorvendo o café com grandes ruídos. Não era ainda dessa vez que o nosso desejo se realizava.

A minha mãe, decidida, colocou ela própria a cadeira no terreiro com um pedido de desculpas “sabe, primo, você é de casa, eu estou a dar um jeitinho lá dentro... é um dia especial, o primo não leva a mal”. Lá se foi minha mãe às suas tarefas deixando-nos ali para fazer “sala” ao primo, eu com a minha boneca de cabeleira acobreada bem presa ao peito, os meus irmãos cochichando coisas, o mais novinho cheio de medo não conseguia parar de fitar o olho aguado e mortiço do primo, um olhar de réptil hipnotizando um passarinho.

Fomos salvos por meu pai que regressou da horta com um cabritinho a que já retirara a pele, não fôssemos nós reconhecer o “pintadinho” tão nosso conhecido. Como sempre meu pai recebeu primo Bitú com exageradas demonstrações de alegria completamente incompreensíveis para nós. Como poderia aquela aparição causar alegria a alguém? Meu pai, porém, não entendia assim. Primo Bitú largara da sua casa no Monte Sossego, galgara a pé os oito quilómetros até Mato Inglês para dar as Boas Festas a uns parentes muito estimados e tínhamos que o receber engalanados em arco e ser amáveis durante o tempo que ele ali estivesse.

Quanto mais crescidos ficávamos, menos paciência tínhamos para aquele visitante, de pedra e cal na nossa casa e na nossa mesa todo o dia de Janeiro que Deus punha no mundo, desde que a minha memória se lembrava. Sentíamo-nos roubados das atenções dos mais velhos, das brincadeiras habituais, a minha mãe atenta ao codé e sua preferência por cachupa guisada dentro do café, procurando conter a minha obsessão pelas boas

maneiras, capaz era eu de chamar a atenção de um visitante que cometesse alguma gafe, enfim um clima diferente, quase tenso, todos preocupados com o primo “esta linguiça está muito saborosa, eu mesma fiz, Coma mais um bocadinho”, “mais café, está quentinho!” A minha mãe sempre apaparicando o primo, os três filhos ali, ao Deus dará, nem isso talvez, pois qualquer deslize era prontamente anotado e silenciosamente reprovado com uma mirada certa. Mas que café mais comprido! E que visitante mais indesejável! Acontecimentos posteriores viriam a mostrar como estávamos enganados.

Naquela manhã a conversa tombou para as novidades da morada. Primo Bitú animou-se. Uma centelha pareceu soltar dos seus olhos pois ele trazia uma grande novidade. Tinham desencadeado uma grande campanha de vacina. A varíola que grassava pela costa africana ameaçava atingir-nos. Tudo inútil, dizia ele, aqueles doutores, todos uns ignorantes nada entendiam daquela doença.

— Imagine - dizia desdenhoso - querem curar bexiga com uma canetinha a arranhar nos braços das pessoas. Eles deviam era vir ter comigo porque eu já tive bexiga em Santo Antão, até que ninguém já contava que eu conseguisse sobreviver. Basta dizer que me puseram num casinhoto para morrer e até pássaros brancos já andavam por ali a rondar. Estão a ver que eu é que conheço esta doença. Os doutores se quiserem saber alguma coisa sobre bexigas, eu vou ditando e eles vão escrevendo.

Aí meu pai não se conteve e caiu no riso. Mais impressionados estávamos nós com o calor e a animação que de repente se revelara naquele homem via de regra tão circunspecto. Aquele que estava ali esplanando originais teorias sobre varíola era certamente alguém que não conhecíamos. A sua supremacia sobre a ciência médica nos animava a dar largas à nossa curiosidade. Acabámos descobrindo que primo Bitú era um falador interessantíssimo com resposta pronta para tudo e mil teorias pessoais elaboradas numa vida longa e cheia de

peripécias. Afinal ele não era sóbrio nem triste. Não era pois necessário programar a próxima visita para dali a um ano. Podia ser já no próximo Domingo. Insistimos até arrancar-lhe a promessa de passar a visitar-nos semanalmente. Aceitou logo e foi acrescentando que apesar de estarmos a crescer no campo éramos uns meninos espertos e sobretudo muito educados.

O sol começava a descer para o Monte Cara quando o primo Bitú deixou o Mato Inglês em direcção à cidade depois de um lanchinho de chá de cidreira, batata assada, queijo e doce caseiro. Despediu-se com muitos abraços e vénias, a mão um pouco mais quente, o coração também. Partiu, segurando a bengala pela vareta que ligava a nossa casa à estrada. Ficámos no terreiro vendo a sua figura afastar-se, cada vez mais pequenina até desaparecer na curva da Montóna. Sentíamos uma pontinha de saudade. Felizmente só faltavam quatro dias para ele voltar.

À noite, à volta da mesa, olhando a chama trémula do candeio a petróleo, o nosso silêncio era cheio de subentendidos e uma compreensão nascente das coisas da vida. Naquele dia crescemos um pouco mais.

VINDO DO ALÉM

Djô de Mano era um amigo da família, daqueles raríssimos com que se pode contar em qualquer circunstância. Lá em casa todos o adorávamos e a cada um de nós ele dispensava um carinho especial.

Esses ternos laços tornaram cada vez mais curta a distância entre nossa casa no Mato Inglês e a dele no Barro Branco, ao mesmo tempo que irmanavam no mesmo afecto todos os membros das duas famílias.

O desgosto de Djô de Mano pela perda do velho pai, Nhô Mano, fora sinceramente partilhado por nós e me lembro ainda do vestido preto de pintinhas brancas com que a minha mãe guardou luto por algum tempo.

Já tínhamos esquecido esse desgosto quando um dia brincávamos às escondidas à roda da casa enquanto minha mãe com o regaço cheio de feijão verde por descascar preparava o almoço.

Nisto parámos a correria e o “deux en trois” e fixámos a vista num velho que subia a vereda de acesso à nossa casa. Aquela figura não nos era estranha. Chamei a minha mãe:

— Olha, parece Nhô Mano. Se ele não tivesse morrido...

Minha mãe suspendeu a vagem que tinha nos dedos, olhou para onde eu apontava e ficou branca de cal, os olhos arregalados vendo o fantasma de Nhô Mano avançar inexoravelmente em nossa direcção. A mesma cabeleira branca e rala, as mesmas costa curvadas, o mesmo cajado, o mesmo casaco velho aos quadrados.

A meninada cheia de medo começa furtivamente a abeirar-se da mãe de quem, contudo, não vinha um som que nos pudesse tranquilizar. De qualquer forma se alguém nos havia de proteger contra algo vindo do outro mundo esse alguém era ela que com o seu “creio que há um só Deus verdadeiro” nos mostrou que estava ali firme contra vivos e sobretudo mortos.

Aí o homem já tinha chegado ao terreiro e todos estávamos conscientes de que qualquer coisa muito estranha se passava diante dos nossos olhos. Então ele falou:

— Ó gente, vosso pai está em casa?

E minha mãe reunindo os cacos de coragem que se misturavam às
→ cascas de feijão espalhadas pelo chão respondeu com outra pergunta:

— Como é seu nome, homem de Deus?

— Meu nome é Gregório. Sou gémeo de Mano de Barro Branco, pai de Djô, vosso amigo.

Alívio geral. Minha mãe pôs logo a meninada ao serviço do velho,
perfeitamente senhora da situação. Na sua frente via apenas um velho
trôpego e cansado. E dispara ordens:

— “Puxa um banco para Nhô Gregório”

— “Vai buscar uma caneca de café com leite e uma batata assada para
ele apanhar um fraco. De Barro Branco até aqui não é brincadeira.

— “Toma o boné e a bengala dele e põe lá dentro”.

— “Chama teu pai na horta para vir responder”.

A adopção de Nhô Gregório foi quase instantânea, tão igualzinho ao nosso
amigo que Deus levara. Para nós parecia quase um milagre termos chorado
pela morte de Nhô Mano e de repente eis que nos aparecia uma criatura tão
semelhante a ele como uma gota de água se parece com outra. Transferimos
então todo o nosso carinho para esse velho do jeito simples e inteiro como
só meninos do campo sabem fazer.

BOA RAÇA

Prima Antónia era branca de lisos cabelos pretos. Dificuldades da vida a fizeram abandonar a sua aldeia de Mão-Pa-Trás e instalar-se em S. Vicente. Mas isso de nada adiantou. Pelo contrário. Figura frágil, nunca pudera enfileirar na porta de Ciminhas para carregar sacos de cimento ou de milho à cabeça. Jeito para abanar moscas numa bandeja de sucrinha nunca tivera também, mulher conservada da sua casa, habituada a cozinhar, lavar, passar e tratar do marido e dos filhos que a fome acabou levando um a um.

Quando ouviu aquela notícia de contrato para S. Tomé, nasceu-lhe uma alma nova. Pensou que finalmente chegara o milagre por que tanto esperara mas mais uma vez se enganava.

Chegada a S. Tomé a leva de contratados, as mulheres foram separadas para que os senhores brancos pudessem escolher as que lhes convinham para as suas casas. Postas em fila foram examinadas e avaliadas minuciosamente até que um dos manda-chuvas parou em frente da

1 Prata
1 Juncos
(duas)

prima Antónia, tocou-lhe o queixo, passou-lhe a mão pelo longo e sedoso cabelo e comentou apreciador:

— Você é de boa raça!!!

Ao que prima Antónia, altiva, respondeu:

— Com devida atenção e respeito, raça é raça de cabra. Eu sou de boa família. Minha avó era uma branca da Europa, mais branca do que o senhor.

O grosseiro colono de pele curtida não aprovou a dissertação por demais longa e impertinente. Alçou a mão, desferiu estrondosa bofetada e a decisão fatal **“vai para o trabalho pesado da roça”**. Ela não aguentou. Acabou regressando à terra mais frágil e sofrida que dantes mas também mais altiva e rebelde.

Primo
A saúde, essa ficara definitivamente na roça de S. Tomé por conta do paludismo, dos mosquitos, do sol escaldante, da chuva a ensopar a alma, da sub-alimentação, do trabalho escravo, da saudade. Ai a saudade! Saudade das conversas à boquinha da noite na porta da casa com as vizinhas, saudade da cachupa com cavala, da pobreza consolada da sua terra, das gentes da rua cumprimentando a toda a hora *“bocê dormi bom?”*, *“esse corpo ta rijo?”*². Na roça pouco se falava, vida dura de mais, o chão estranho, outro céu, e menino para fazer um mandado? Onde encontrá-lo?

A saúde lá ficara. O tutano dos ossos também. Seu negro cabelo agora cinzento e ralo e aquela tosse seca, sempre incomodando à noite. A tosse, as más recordações, o chicote de S. Tomé, a tosse de novo. Um dia escarrou sangue, um sangue feio de doença e morte. No hospital disseram aquela palavra há muito pressentida, porém secretamente escondida nas pregas medrosas da alma e do peito encovado. Estava tuberculosa, num estado de extrema fraqueza, aquela febrinha ao cair da noite, sem vontade de comer, sem ter o que comer a não ser algumas esmolas de parentes mais condescendentes.

zo e

Baixou a ordem de internamento numa das consultas. Às Quintas e Domingos uma ou outra visita mais curiosa que amiga até que um dia chegou aquela prima que morava no campo e só de raro em raro ia à Cidade. Assim que soube do internamento muniu-se de um saco de sumos, frutas e leite e foi direitinha à enfermaria de doença fraca. Prima Antónia, pele e osso, os olhos em brasa, chamou-a de longe:

boa
e o

— Oh prima, só agora aparece? Se fosse lotaria tinha vindo a correr, mas como é tuberculose finge não saber de nada.

por
da
ão
es

A visita foi deitando água na fervura não fosse ela duplicar a reprimenda.

De qualquer modo o apoio da parente do interior foi vital. Vieram os remédios, a alimentação, a camoca com leite, roupas limpas, lençóis lavados e prima Antónia reanimou e venceu a doença.

lo
a
a
a
a
ê
a
?

Gostaram dela no Hospital, rezingona mas direita, contestatária mas trabalhadeira. Ficou lá como servente durante uns tempos até que a rebeldia foi mais forte, acabou prometendo duas bofetadas a um médico português que a chamou de mentirosa e aí foi parar ao olho da rua sem mesmo ter entendido direito o que estava acontecendo.

H. J. J. J.

Já depois da Independência, aos trancos e solavancos foi parar à Praia em casa duma parente mais velha que precisava de companhia. Amparavam-se e ajudavam-se uma à outra apoiadas por um sobrinho, a bem dizer primo em terceiro ou quarto grau que subira na vida. Estudara, tinha um curso, ocupava um cargo bom, próximo do governo e quando prima Antónia ficou sozinha por morte da companheira, o seu único amparo passou a ser essa ajuda do sobrinho. Todos os meses subia as escadas do escritório e descia com um envelope que ia dando para as necessidades mais prementes.

O sobrinho, pessoa sensível, conhecia muito bem o feitio daquela prima de pêlo na venta. Sabia que só o dinheiro não a levaria lá. Ela tinha que receber mais qualquer coisa que atenuasse a humilhação de

viver à custa de outro. Então recebia-a no gabinete, conversavam um pouco e casualmente dizia-lhe:

— Prima, tinha cá esta coisinha para si. Não se importa de a levar pessoalmente? É que sabe, às vezes tenho dificuldades em arranjar alguém para ir à sua casa...

Prima Antónia muito condescendente pegava no envelope e guardava. Um dia porém o sobrinho estava numa reunião com uns estrangeiros e interromper estava completamente fora de questão. Deu o envelope para a secretária entregar à Prima, instalada na sala de espera, com um pedido de desculpas, infelizmente estava muito ocupado. Da próxima vez falaria com ela. Prima Antónia considerou aquilo a maior desfeita e ela que nunca fora mulher de levar desaforo para casa não precisou de pensar duas vezes. Ergueu-se altiva da cadeira, olhou com desdém a funcionária retocada e respondeu:

— Ah! Ele não pode receber-me? Diga-lhe que eu não vim cá para o adorar. A minha necessidade é que me trouxe cá.

Pouco tempo depois Prima Antónia morreu. Desceu a terra com o orgulho e a altivez com que nascera lá na sua aldeia de Mão-Pa-Trás, o orgulho que a sustentara e a mantivera de pé em todas as circunstâncias penosas da sua atribulada vida nas roças de S. Tomé e na Terra mãe quase sempre madrasta para ela.

Todos os parentes ¹a recordam ²passados esses anos, a vergastada da sua língua afiada a todos fustigava impiedosamente mas a todos ela deixou um legado de coragem e inconformismo, um património de dignidade e nobreza que é dever de cada um conservar intacto e passar às próximas gerações.

1 - Tradução: "Você dormiu bem?"

2 - Tradução: "Este corpo está rijo?"

SECRETO COMPASSO

Mãe de família ocupadíssima e exigente, minha mãe nunca tivera muita paciência para empregadas domésticas. Salvo uma ou outra que demorava anos e se transformava em mais um membro da família, perdi a conta de quantas passaram pela nossa casa. Uma porque não era fiel, outra porque descuidava no asseio, outra porque tinha maneiras grosseiras - um péssimo exemplo para os meninos - elas faziam da nossa casa uma sala de trânsito de pouca dura. Até que apareceu Augusta, bonita e alegre, sempre com uma cantiga nos lábios e um sorriso nos olhos.

Recordo como agora o dia em que ela aportou à nossa casa, levada por uma comadre fornecedora de hortaliças, que garantia as qualidades e a cabeça sossegada da moça, na opinião dela ferida apenas de um único defeito: só parava de cantar quando dormia .

A meninada lá de casa adoptou-a sem restrições/ ^{= a velha} ainda que o olhar sabedor da minha mãe se tivesse pousado um pouco mais demoradamente na sua ligeira bluzinha vermelha decotada até ao

início dos seios redondos e na saia florida que apertava num franzido a cintura estreita e descia até a um palmo acima do joelho. Toda ela era energia pura, os pés descalços não paravam quietos, com os braços roliços abraçava o próprio busto num visível esforço para se conter. Irradiava dela uma chama que na época eu não soube compreender mas agora não me surpreende que se mantivesse acesa e nítida nas minhas lembranças de muitos anos atrás.

O longo olhar da minha mãe mediu-a, pesou o nosso entusiasmo e Augusta começou a partir daí a temperar nossos dias com a sua cantiga cristalina enquanto lavava a louça e a roupa, passava a ferro, cuchia o milho ou estendia as camas.

Minha mãe, meio desconfiada de tanta alegria de viver, resmungava contra o conteúdo duvidoso de algumas músicas da sua preferência. Até que um dia ela não apareceu no trabalho e mandou uma prima avisar de que estava passando mal por causa da gravidez .

— Gravidez!? - estranhou minha mãe e comentou:

— Logo vi que havia mouro na costa! Bem que sempre embirrei com aquela cantiga que ela não tirava da boca “*esse frio cum tem na corp ê só bô sô ê q’ta trame ele*”. Imaginem uma cantiga destas com o calor que tem feito!

Passaram-se meses e um belo dia Augusta apareceu lá em casa com um bebé nailharga. Vinha magra, esquelada, perdida a alegria natural, muda e soturna. Vinha sofrida, maltratada e só. O filho ali presente na sua ilharga não atenuava aquela solidão. Os meninos da casa, todos nós a adorávamos, era nossa companheira de todas as traquinices, cúmplice de todas as pirraças, ela adorava meu irmãozinho codé, dera até o seu nome ao filho.

Assim que a vimos meio envergonhada à porta começámos, em coro, a pedir que fosse de novo recebida. Minha mãe que não, que não tinha juízo, dali a nada se meteria noutra encrenca e nós já com o bebé ao colo, pedindo, insistindo, puxando a Augusta para dentro de casa,

vencíamos pouco a pouco a resistência de minha mãe. Ela também, debaixo da aparente severidade, estava condoída da moça que além de tudo se via que passava fome. Vira muita gente morrer de fome nas costas do Norte de Santo Antão, nas crises de quarenta e guardara para sempre as imagens. Essa recordação deu o impulso final a nosso favor e Augusta ficou connosco mais o bebé, automaticamente adoptado pelos meninos da casa.

Com o passar dos dias a moça foi recuperando a alegria natural tentando esquecer o sumiço do “pai-de-filho” que nem um nome dera ao anjinho de Cristo. Começou a andar mais ligeira, a brincar com o filho e com todos e um dia começou também timidamente, a resmungar a primeira cantiga.

Minha mãe assistia feliz ao renascer da rapariga e dizia enquanto a mirava de soslaio:

— Parece que finalmente esta menina já tomou juízo. Agora o que ela tem que fazer é criar o seu menino aqui sossegada e pronto. Parece que já não quer nada com homens. Pelo menos a cantiga que repete todo o santo dia e “*oh Mari Giralda quem qu'ê pai de bô fidje?*”².

Eu achava que ela ainda não tinha esquecido o desgosto, mas na sensata opinião da minha mãe era melhor mesmo não esquecer.

Um dia, porém, Augusta saiu para o quintal com um braçado de roupa para lavar e deparou com o dia mais lindo e radioso que já vira, o céu límpido e azul, mais parecia mar que céu. Ela olhou, sorriu e soltou a sua coladeira provocante:

*“É mim que pô pé num tchon frio
onte d'atarde num bônhe de chuver...”*³

Dentro de casa minha mãe parou de bater o bolo, quase se engana no fermento, sempre tão rigorosa nos temperos, esquece se já pôs a noz moscada, atrapalha-se toda com a colher de pau no ar. Que cantiga era aquela? Recentíssima com certeza mas, “meu Deus!” esta gente já não

sabe o que há-de inventar para pôr nestas coladeiras, uma verdadeira pouca vergonha! Oiçam, oiçam isto: “chão frio”, “banho de chuveiro”, “*um ca ta na idade d’amdjer*”⁴... Francamente, o que querem dizer com isso? Fatalidade... Maternidade... Realmente é demais!

À medida que Augusta se entregava ao ritmo quente da coladeira, minha mãe lentamente ia compreendendo o sentido das palavras e a disposição da empregada, muito semelhante à do tempo de “*esse frio cum tem na corp*” de má memória e piores resultados. Pela certa vinha aí mau tempo, vaticinou minha mãe, muito dada a pressentimentos, enquanto no quintal as notas soltas da garganta de Augusta enchiam de calor a manhã luminosa.

Infelizmente tivemos que dar razão à minha mãe. Os seus piores pressentimentos se justificaram plenamente. Algum tempo depois Augusta sumiu de novo. O que se passou até hoje não sabemos direito pois o homem que arranjou levou-a para Santo Antão e pô-la a trabalhar na estrada onde apanhou uma tuberculose.

Descobrimo-la no Hospital de São Vicente já na fase final da doença e todos os nossos cuidados foram em vão. Acabou morrendo, deixando o primeiro filho pois o segundo se fora por conta de uma diarreia ao sol e ao vento nas estradas do Porto Novo. A minha mãe tomou conta do garoto e criou. É um dos meus irmãos adoptivos. Vive na Suécia, dedica-se à música nas horas livres, um gosto que certamente apanhou quando boiava no útero materno.

1 - Verso de uma música tradicional que quer dizer: “**Esse frio que tenho no corpo só tu consegues tirar**”

2 - Verso de uma música tradicional que quer dizer: “**Ó Maria Giralda, Maria Giralda, quem é pai do teu filho?**”

3 - Versos de uma música tradicional que quer dizer: “**Fui eu que pus o pé num chão frio/ontem à tarde ao tomar um duche**”

4 - Tradução: “**Ainda não cheguei à idade de mulher**”

O REI, MEU PRIMO

Nas nossas Ilhas o conceito de “primo” é tão abrangente que acabam sendo primos todos os naturais da mesma Ilha.

É assim que ninguém tinha como contradizer primo Guilherme quando ele afirmava peremptório: “somos primos pelo lado das Marianas de Alto Mira”. Das tais Marianas de Alto Mira nunca ninguém da minha família mais próxima tivera quaisquer notícias apesar das investigações levadas a cabo para localizar esse elo que nos ligava ao Primo Guilherme.

Mas afinal quem não se orgulharia de ter um primo tão delicioso que no seu reportório de histórias maravilhosas até incluía algumas do tempo da monarquia em Portugal? E como todos sabemos, se houve um domínio em que esses reis foram o máximo, foi sem dúvida no de enfeitar histórias de encantar.

Contudo, não era bem nessa categoria que Primo Guilherme incluía as suas histórias de reis. Contava-as como factos verídicos ou casos do seu dia-a-

dia. No seu imaginário o rei de Portugal ou o pastor de cabras do tapado de nhô Anton Manuel eram todos pessoas ao alcance da sua mão e da sua intimidade, tratando-os a todos com o mesmo displicente tu cá-tu lá.

Foi num fim de tarde poético e suave na Ribeira das Patas que primo Guilherme nos deixou a todos de boca aberta com a sua versão do fim da Monarquia em Portugal.

Sentados no terreiro da casa do meu avô, naquela hora mágica da boquinha da noite, quando todos os seres vivos entram em comunhão com a própria natureza, embalados no suave farfalhar das mangueiras e laranjeiras, naquela quietude apenas quebrada pelo pio de alguma ave retardatária no regresso ao ninho, ouvimos atentos a voz de Primo Guilherme que recordava o passado glorioso de um outro primo há muito desaparecido das ilhas e do mundo. E a voz pausada prosseguia:

— “Sabem, naquela altura, quando mataram D. Carlos foi uma confusão danada. O povo começou a assaltar as casas dos fidalgos, a saquear as lojas e igrejas, a violar mulheres. Então ouvimos dizer que tinham prendido Martinho Nobre de Melo e todos ficamos preocupados porque homem importante como aquele até podia ser fusilado. Felizmente Primo João d’Almeida foi ficando de Rei até segundas ordens e tudo voltou ao normal.”

Caiu um silêncio pesado sobre o terreiro já envolto nas sombras da noite. “Primo João?”. Então temos um primo que foi rei de Portugal? Alguma distração momentânea nos afastara provavelmente da rota acidentada do Primo Guilherme e eis que nos víamos a braços com um primo coroado que a gente não atinava como tinha tomado assento no trono de Portugal.

Passados os primeiros instantes de aturdimiento, aquele rei nos caíra sobre as cabeças como uma pedrada, conseguimos coordenar as ideias

e então choveram as perguntas, as interrogações pasmadas e urgentes. Porém, primo Guilherme, absorto lá num universo só dele, cuja lógica nos escapava completamente, sorveu uma pitada de tabaco puído e ciente de ser o centro de todas as atenções, desviou-se por um atalho de peste bubónica e febre de carço, acontecimentos para ele, contemporâneos da subida ao trono do nosso primo João. E continuou:

“Primo João era um homem muito inteligente. Todas as prendas entravam na sua cabeça e lá ficavam. Mas era muito bom também. Como rei tinha que cumprir as suas obrigações. Não pensem que era rei só para pôr coroa na cabeça e manter a ordem. Não, nada disso! Ele visitava todos os hospitais e lazaretos onde centenas de doentes morriam todos os dias. E foi numa dessas visitas que ele contraiu a doença, coitado! Morreu sem ver nunca mais a sua terra.”

Todos nos contristamos com o triste fim do Rei, nosso primo, e já quase nos escorregavam lágrimas pela cara abaixo quando veio do narrador o consolo carregado de expectativa:

— “Seu corpo está lá naquele lugar onde repousam todos os reis de Portugal. É só ir lá e ver.”

Passados anos visitei os Jerónimos e deliciei os meus filhos com a história do nosso primo rei que, para grande decepção dos garotos, não se encontrava no panteão real.

UM HOMEM DE PRINCÍPIOS

Tomás Ana dos Reis, de seu nome próprio, Nhô Tomazona, era um lavrador manhoso que na qualidade de “parentinho perto”¹ de meu avô sempre dava um jeito de ficar com a parte de leão das terras de que era meeiro.

Nhô Tomazona trabalhava uma terra do meu avô lá para os lados da Ribeira dos Bodes, terra fértil que dava comida a perder de vista: milho, feijão, batata doce e até batata inglesa, era uma fartura nos anos de boas as-águas.

Meu avô, dono de muitas terras, divertia-se muito com as manhas do Primo Tomás e fingia não perceber que as pragas de lagartixas e gafanhotos não passavam de imaginação do velho lavrador. Então, pragas daquelas só davam na terra que Tomás trabalhava? Enfim, de qualquer modo não era sem mais nem menos que o meu avô ia manchar uma amizade tão antiga, ainda mais tratando-se de um parentinho perto como afirmava Tomazona, se bem que meu avô nunca tivesse entendido as ligações de neto de fulano que casara com a filha de fora de beltrano.

Aquelas árvores genealógicas eram tão enredadas que ele, pachorrento como era, não tinha paciência para as deslindar. Confiava no que Tomás dizia e pronto.

Quando meu avô viu que Tomazona estava com dificuldades para inventar mais pragas na agricultura, resolveu pura e simplesmente vender-lhe aquele pedaço de terra e com o dinheiro beneficiar outras propriedades mais próximas, ao alcance de uma supervisão menos cansativa.

Tomazona nem queria acreditar. Primo Júlio queria abrir mão daquela terra boa e abençoada? Então trataram da papelada e terra e dinheiro trocaram de mãos depois de consumirem para cima de um quilo de papel selado. Tomazona finalmente era proprietário. Nascia-lhe uma alma nova e com ela uma nova preocupação. Agora não havia mais motivo para inventar pragas. Gafanhotos e lagartixas desapareciam de vez da sua querida terrinha. Mas desaparecia um problema para surgir outro bem pior. Tinha que pagar décimas e contribuições, e dar dinheiro ao Estado, nem pensar. Era uma questão de princípio. Governo não o sustentava, nada lhe dava e o que lhe pertencia jamais iria parar aos cofres do Estado. A cabeça de Tomás trabalhava a todo o vapor para encontrar uma solução, uma maneira de ludibriar a lei.

Nessa época meu avô só via Tomás de longe a longe. Cortadas as relações entre meeiro e dono de terras, persistiam apenas as de família, um dia ele apareceu montado na sua mula e parou no terreiro da casa do meu avô, uma ruga de preocupação a juntar-se às outras por conta do sol e do vento na lida da terra.

— Primo Tomás! Há quanto tempo não aparece por cá! Então, como está a decorrer a sua vida de proprietário? - foi a saudação entusiástica do meu avô.

— Daqui, primo, daqui da ponta da orelha. Sabe como aquela terra é boa. Mal se deita semente nela já está a produzir. Então agora que

arranjei um jeito de não pagar décima, vou meter todo o meu dinheirinho no chão para melhorar a minha propriedade.

— Arranjou um jeito de não pagar décima? Conte-me isto direitinho, primo, porque eu nunca descobri nada parecido - desafiou meu avô.

— Pois é, primo Júlio, no ano passado de cima cheguei lá na Repartição e quando me perguntaram em que nome estava a terra, respondi: Tomás Peixoto e Cunha. Procuraram, procuraram e nada, não estava lá esse nome. No ano passado voltei lá e quando quiseram saber o nome, eu disse: Tomás Sacadura Cabral. Está a ver, primo, que este nome também não estava.

Meu avô rindo-se até às lágrimas, interrompeu-o:

— Ó primo, e este ano não me diga que descobriram tudo?

— Bem, este ano, primo, eu também pensei que não conseguiria safar-me mas lá descobri um nome: Tomás Lindberg. Assim nunca vão encontrar nada, mas já estou com dificuldades em descobrir mais nomes. Por isso passei por aqui para ver se o primo Júlio, que está sempre a ler coisas destas terras abaixo, me arranja uma lista de nomes de generais da última guerra, dessa gente assim importante porque aqueles funcionários sentem mais respeito quando os ouvem.

Meu avô, imediatamente, avançou com sugestões ousadas e sem dúvida perigosas. Quem iria encaixar Tomás Montgomery ou Tomás Chang Kai Chek?

1- Parente próximo

VAVÁ

Hoje encontrei Vavá. Conversamos um longo pedaço sem que eu pudesse achar um jeito de me despedir. Qualquer coisa me inibe e me confrange quando encontro o velho amigo da infância, bem mais velho, é certo, mas a quem sem querer, marquei tão duramente.

Não sei se posso dizer que criamos juntos pois com os meus 10 anos, às voltas com as bonecas, ele rondava os 17 e era quase um homem. Até à idade da Tropa fomos muito amigos. Ele era íntimo do meu irmão mais velho e como tal, frequentador assíduo da nossa casa. Eu, crescendo e integrando o meu grupinho do Liceu, ele como aprendiz numa oficina de mecânica.

Nunca passara da 4ª classe. Desportista e bonitão, enchia o olho de qualquer rapariga. A pele bronzeada, os cabelos lisos que sacudia para trás num gesto infinitamente sedutor, Vavá sempre se impunha pelo porte atlético, pernas de jogador de futebol e um peito forte e generoso que parecia desafiar o mundo e os preconceitos.

Eu, estouvada, metida com as minhas amiguinhas do Liceu, já pensava, como as outras, que éramos uma espécie diferente, gente especial e predestinada a altos voos. Ficava sem jeito quando encontrava o meu amigo à saída da oficina. O que iriam as outras pensar? Então eu tinha um amigo que andava assim pelas ruas, de fato macaco todo sujo de óleo? Um olá casual e passageiro e lá me esgueirava falando muito alto sobre algo completamente diferente a caminho da Praça Nova ou a comer um sorvete no Café Portugal, fugindo a uma aula do canto coral, o Senhor Reis sempre tão distraído não dava por nada...

Alguns anos se passaram. Eu fazendo-me mocinha, deixando para trás as bonecas, a cabeça cada vez mais cheia de fantasias e pimpinelas. Vavá naquela muda e permanente adoração. Apanhei tosse convulsa, ele quase abandonou o trabalho para me fazer companhia, mais tarde veio a papeira e de novo aquela total dedicação. Dizia-me que eu ficava bonita até com “topete”.

Eu não entendia tudo o que estava acontecendo ou não queria entender. Passados esses anos todos confesso que não sei. Eu sentia que ele adorava o chão que eu pisava mas não o incentivava pois temia o dia em que se me declarasse e eu tivesse que dizer não. É que não havia mesmo outra alternantiva para quem, como eu, sonhava tão alto.

Diferença de idades, diferença social, diferença de educação, todas as diferenças que os padrões e preconceitos da época nos ensinavam a colocar como barreiras entre nós e os outros. Eram diferenças a mais que eu não sabia gerir. Imaginava a minha vida de outro jeito. Queria estudar, ser alguém. Não sentia a mínima vocação para vir a ser mais uma mãe de família sacrificada, rodeada de criancinhas mal alimentadas e mal vestidas, caticatindo pela sobrevivência. Que futuro poderia eu ter naquele rapaz? Mas lindo como aquele eu jamais iria encontrar! Se os houvesse, não teriam por mim tamanha adoração que expressava em serenatas, mimos de toda a ordem, até flores - sabe Deus onde as desenterrava numa ilha árida como São Vicente!

Na época eu recebia todas aquelas atenções com a distração e volubilidade próprias da idade e logo a minha atenção borboleteava pelos galãs da tela, os heróis dos romances e os estrangeiros tatuados com quem cruzava nos corredores da pensão da minha amiga Celeste. Vivia uma adolescência descuidada com a vida e o mundo espraiando-se à minha frente até perder de vista. Os meus ídolos eram James Dean e Elvis Presley. Nada tinha a ver com um aprendiz de mecânico apesar da enorme ternura que por ele sentia, apesar da foto guardada com um carinho cheio de mistério.

af. "da Lú"
dp. 13

Com os 17 anos, assente a primeira poeira da adolescência veio o primeiro namorado. Aos 18 segui para Lisboa para continuar os estudos. Senti que cortava radicalmente com Vavá e o seu mundo.

= recordações / memórias

Voltei à Terra quatro anos depois e de Vavá nem sinal. Emigrara animado por um sonho: construir uma vida desafogada e depositá-la, um dia, nas mãos duma garota que ele vira crescer e escapara-se das suas mãos impotentes, preso às amarras da pobreza, dos preconceitos, da instrução que não tivera, do estigma do óleo no macacão da oficina. Havia de sacudir tudo isso, ergueria na Fonte Filipe uma vivenda que espantaria o bairro, vestir-se-ia como um actor daqueles que enchiam as paredes do quarto da menina dos seus sonhos, estudaria, falaria várias línguas, limparia definitivamente o maldito óleo queimado que o marcava agora e o fazia esconder-se atrás das árvores e postos, sempre que um bando de rapariguinhas do Liceu desembocava numa esquina.

Quando voltasse seria outro homem, teria enterrado há muito os complexos e inibições e então sim, qualquer rapariga, por melhor que fosse, não seria demais para ele. Ah! Mas Vavá não queria qualquer rapariga, queria aquela, a que conhecera com tranças e laços, a saltar corda na rua com as pernas ao léu na saia curta de menina.

Passaram-se anos. Sempre perguntava por ele aos familiares, que sim, que estava bem, que andava num barco. Mais tarde parecia que se

passava alguma coisa, não vinham notícias, outros emigrantes falavam do sonho dele, do que lhe dava alento na vida dura lá fora, a saudade da terra e do aconchego da família e sobretudo de rever uma certa rapariga cujo nome era um segredo ciosamente guardado.

— *Quaz ê bô.* ¹ - dizia-me uma das irmãs com um sorriso malicioso.

— *Adé, mode quê? Dias há c'um ca oia Vavá, ele ca deve stôde nem ta lembrá de mim.* ² - respondia eu.

Mas no fundo de mim mesma eu ia juntando as peças do puzzle, o que todavia não me impedia de viver a minha vida. Aquilo só podia ser uma brincadeira de infância. Afinal nunca me dissera uma única palavra que desse algum fundamento a tais especulações.

O meu trabalho atirou-me para longe de casa e ao encontro do homem com quem casei.

O acaso, sempre o acaso, levou-me para mais longe ainda, meus filhos nasceram e só muito tempo depois, já em São Vicente de novo, voltei a encontrar Vavá.

Andando na minha direcção vi um homem quase andrajoso, a barba e os cabelos compridos, um olhar de fogo que fazia lembrar Che Guevara, magro, as roupas meio decrépitas caindo-lhe do corpo como dum cabide. Passei olhando-o disfarçadamente como quando passamos por um demente ou um vagabundo e um sentimento misto de culpa e vergonha nos impede de o olhar de frente. Mas no instante exacto de nos cruzarmos senti uma estranha vibração, algo de há muito esquecido / e arrumado nas prateleiras da morgue da memória / me sacudiu e me perturbou. E parei. Olhei para trás quando o homem também se virou e sorriu. Embora num rosto devastado aquele sorriso meigo, eu reconheci. Era Vavá ou o que dele restara depois dos encontrões da

vida, do desmoronar dos sonhos. A vida o destroçara. Não era mais que um resto de homem ali na minha frente, a velha centelha se reacendendo e iluminando os seus olhos onde agora habitava também uma dor tão funda, um sofrimento sem remédio, um desespero frio e permanente.

Tive medo do que vi. Num segundo perpassaram na minha mente imagens de outro tempo bem mais feliz, do atleta glorioso saindo em ombros da Fontinha, do garbo com que corria o morro da Fonte Filipe com um assobio atrevido que avisava: estou passando.

O meu sentimento de perda foi indescritível. O de culpa, maior ainda. Avancei para ele de braços abertos mas ele recuou e estendendo-me a mão num cumprimento formal, acrescentou:

— Pensei que não me tivesses reconhecido.

— Mas como não te reconhecer? Simplesmente estava longe de vir encontrar-te neste momento... Depois de tantos anos... Não sabia sequer que tinhas regressado à Terra... Como estás meu amigo?

Titubeava, hesitava, não sabia o que fazer ou dizer. Ali no sopé da rampa que sobe a Fonte Filipe, sem nada a que me agarrar, com Vavá na minha frente, desfeito, devolvido à Terra por não prestar para mais nada, os olhos de fogo fitos em mim numa muda mas implacável acusação. Desviei os meus, encabulada, sentindo que as lágrimas se juntavam num nó que me tapava a garganta e me toldava a vista. Esbocei o gesto de lhe pegar no braço, ele recuou mais um passo e a voz saiu-lhe contida, serena, quase sem inflexão:

— Estás mais bonita. Já sei que casaste. Quantos filhos tens?

— Três. Duas meninas e um rapaz. Estão todos crescidos. Um desses dias trago-os para tu conheceres.

Mas logo levantou a mão dizendo que não. Não era preciso. Passaria ele por minha casa. Nem perguntou onde eu morava. Entendi que não queria conhecer os meus filhos.

Achei melhor não lhe perguntar pela vida lá fora.

Procurei então saber da família e pela primeira vez senti na sua voz uma nota agressiva:

— Minha mãe morreu. Sabes como eu a adorava. Vim só para a ver ainda viva mas infelizmente já estava enterrada quando consegui chegar cá...

Calou-se durante uns segundos, o olhar perdido no passado e rematou:

— Tudo o que eu tinha em Cabo Verde morreu.

— Não! Não digas isso.

Aquele “não”! saiu-me como um grito. Eu própria me assustei. Olhámo-nos e uma centelha de real entendimento perpassou entre nós.

Peguei-lhe na mão e falei-lhe ternamente tentando de algum modo incutir-lhe um pouco de coragem de viver.

Despida a máscara da hipocrisia social falei-lhe longamente da amizade e do carinho que sempre nos ligara, falei-lhe da mãe, que em memória dela era quase um dever superar a fase difícil que atravessava e recomeçar a vida. Falei até sentir que alguma paz descia sobre o seu atribulado espírito .

Os nossos encontros muito espaçados e ocasionais são sempre pretextos para longas conversas, cada vez mais serenas e descontraídas. Falamos

do passado, das brincadeiras, das serenatas, dos ramos de jasmim trazidos de Monte Verde, da minha tosse convulsa, da papeira, de tudo o que nos unira no passado.

Aprendemos pouco a pouco a rir um com o outro, a olhar-nos sem acusações nem culpas, a sermos bons amigos. Ele conta-me do seu trabalho, de como reconstituiu a casa dos pais e vai arrumando a sua vida, agora de novo fresco e lavado, a camisa branca impecável. Eu também falo da minha vida e atrevo-me a avançar um conselho:

— Esta arrumação só ficará completa quando te casares.

— Eu, casar? Não, nem pensar nisso.

— Porquê Vavá? Vais ficar sozinho até o fim dos teus dias?

— Quem te diz que estou sozinho? Tenho bonitas lembranças e não quero que ninguém venha atrapalhá-las.

Com os rodeios de sempre acabamos despedindo-nos com um piscar de olhos cheio de uma cumplicidade que só nós compreendemos.



espaço p/ reflexões



1 - "Parece que és tu".

2 - "Porquê? Há muito tempo que não vejo o Vavá, ele já nem se lembra de mim".

CUMPLICIDADE

Mal me instalei naquele bendito aviãozinho chamado CASA, preparei-me para fingir que não estava lá. Recostei-me na cadeira, apertei o cinto mas antes que me transferisse para algum cenário mais aprazível, comecei a ouvir atrás de mim um estranho diálogo:

Ela — Há que tempos que não te vejo!

Ele — Quer dizer, vemo-nos mas não nos vemos.

Ela — Não entendi...

Ele — Bom, o que eu quero dizer é que nem sempre que nos vemos, nos estamos vendo.

Provavelmente, devido ao insuportável barulho, quem não estava entendendo nada era eu.

Um exemplar de Saramago e outro de Nadine Gordimer, ambos maravilhosos, de nada me serviram diante do desconforto total daquele transporte aéreo certamente concebido para cargas e bichos. Como se lembraria alguém de chamar CASA àquele inferninho ambulante que nos leva e traz enquanto nos dá cabo dos tímpanos e da paciência?

A alguma distância do vôo uma ligeira dúvida começa a insinuar-se-me no espírito: o que impediu a minha concentração na leitura foram realmente as condições do aviãozinho ou a curiosidade pelos estranhos diálogos vindos de trás?

Ele explicava à companheira que quando se encontravam de passagem, em lugares públicos, viam-se é certo, mas não tomavam verdadeira consciência um do outro. Ela por sua vez sublinhava que quando se viam de verdade saltava uma espécie de faísca.

Mais um tombo parece mergulhar o minúsculo aparelho no colchão de nuvens ali em baixo. Instintivamente estendo os braços e agarro-me à cadeira da frente como se para alguma coisa pudesse servir. Entretanto aquela palavra “faísca” ficara-me nos ouvidos. Olhei para trás. Pelos fios cinzentos espalhados aqui e ali nas cabeças juntas dos meus vizinhos vejo que estão à vontade na segunda metade do século. Mas então de que faísca se trata? Será que viram algum relâmpago e, para cúmulo, vamos ter um temporal?

Não que eu tenha medo de voar. Esse é um assunto que arrumei definitivamente há muito. Escapa ao meu controlo e não há nada que eu possa fazer se o dito despencar dali abaixo. Pois então que seja o que Deus quiser se a ciência dos homens falhar.

Mas atrás de mim alguém está cheio ou cheia de medo. Presumo que se agarrem as mãos pois, surpreendentemente, cada um tenta convencer o outro que está ssustado. Conversam e riem-se muito. Muita coisa me

escapa mas percebo que estão recordando bocadinhos de um passado comum:

Ele — Lembro-me como agora do teu fato de banho grenat...

Ela — E eu da tua camisa aos quadrados muito pequeninos...

Ele — E o baile, lembras-te?

Ela — E o portal onde passava sempre um guarda nocturno?

Pedaços de recordações dos outros chegam até mim e começo a sentir-me uma intrusa ali, quase violando um lugar sagrado que não me pertence. Aqueles dois têm um segredo, um código só deles guardado numa vida inteira que viveram provavelmente com outros parceiros. Há entre os dois uma cumplicidade enorme feita de pequenos nada, instantes apenas que inexplicavelmente guardaram intactos, decididamente encontraram um ninho por entre a folhagem e não disseram a ninguém. Eis como se explica que um instante, um instante apenas, tenha o dom da eternidade. Partilham algo muito especial, momentos de juventude e beleza, de harmonia e comunhão perfeita, eternos como diamantes.

Do jeito com falam, aquele passado é bem remoto, dum tempo de pura inocência, um tempo de descoberta dum encanto novo em cada gesto, em cada pedra de calçada, cada concha do mar, cada réstia de luar sobre um telhado. Um tempo único em que ninguém tinha ainda molhado os pés na praia, em que nenhum par tinha sussurado num portal escuro, em que ninguém se lembrara de se mirar no fundo dos olhos do outro. Eles, os primeiros.

É do fundo desse tempo virgem que o passado num ápice se projecta para se instalar ali nas cadeiras incómodas do CASA, em viagem

inaugural, não da malvada máquina mas deles. Cada um se espanta com o que o outro guardou, se surpreende, se assusta, se maravilha por ver no bouquet do outro as mesmas flores que tem no seu. Das flores diferentes nada dizem. O que os separou, o que os levou por estradas diferentes, o que os fez esquecer o baile e o portal, não conta, não vem ao caso, é desencontro e desencanto, é o nada.

Estão agarrados à ponte que os liga ao momento bonito e compartilhado. Estão suspensos dum fio de magia, dum fio de eternidade que só existe porque se encontraram ali entre as nuvens e o infinito e cada um se identificou no sonho do outro.

“Senhores passageiros, estamos prestes a aterrar...” - é a voz da hospedeira, impessoal e robotizada que faz qualquer pé assentar no chão por mais alto que tenha subido. Acaba também me situando no tempo e no espaço. Arrumo tudo, atrás de mim também se faz o mesmo, acções práticas, necessárias, mecânicas.

Passou a magia, está tudo como dantes.

“Conservem os cintos apertados...” - continua a voz átona. Penso com um sorriso que os meus vizinhos pela certa descuidaram essa medida de segurança e por isso mergulharam no tempo.

Chego a sentir vergonha de ter percebido tanto. Ou será apenas a minha imaginação exaltada que inventou tudo na hora do medo que eu não sou capaz de assumir? À saída prestei a última homenagem ao par seguindo em frente sem nunca lhes ver os rostos.

AS MULHERES QUE MEU PAI AMOU

Daqui, de New Bedford eu faço os meus planos de férias em Cabo Verde. Ninguém pense que é só marcar férias, reservar passagens, comprar umas lembranças e ála para as Ilhas. Não. Comigo é bem diferente. Com um mapa na frente tenho que estudar tudo muito bem, especialmente porque este ano vou sozinho enquanto minha mulher e os meus dois filhos irão para a Califórnia.

* Quando há pouco falei em mapa eu sei que os induzi em erro. Pensam que se trata dum mapa das Ilhas mas não é disso que estou falando. Este mapa criei-o eu para meu governo exactamente para evitar atritos com os meus irmãos.

Frescura de emigrante dos Estados Unidos cheio de técnicas, gráficos e planos — dirão. Talvez, mas cá tenho as minhas razões que mais adiante compreenderão também. Pelo menos espero fazer-me entender.

Isto tudo parece meio misterioso mas é tão simples como um menino nu a brincar na chuva. Apesar de pouco comum ficará claro quando vos disser algo que demorei a entender e a digerir: Tenho irmãos em todas

as ilhas excepto Santa Luzia pois, que eu saiba, essa ilha nunca esteve na rota da navegação costeira.

~~Meu pai era marítimo.~~ Parece que finalmente se fez luz no vosso espírito. Pai marítimo, de ilha a ilha, de coração em coração depositando uma esperança, de dedo em dedo uma aliança, de ventre em ventre um filho. Mas eu quero que fique bem claro desde agora que não era um bandido abusador de donzelas. A todas amou igualmente com um sentimento de profunda dignidade. Em todas deixou uma recordação indelével.

*ilha =
ventre*

Não me lembro do meu pai. Eu era criança muito pequena ainda quando ele morreu de maneira misteriosa que até hoje ninguém conseguiu entender. Num dia estava bem, respeitado e querido por todos, o preferido das mulheres, sério e competente profissional, inteligente e invejado por muitos, no dia seguinte estava mal no hospital e logo o desfecho fatal deixando nada menos que nove órfãos: sete rapazes e duas raparigas, alguns ainda por nascer.

Tudo o que sei hoje sobre o meu pai chegou-me através dos meus irmãos e respectivas mães, todos irmanados no calor da memória querida guardada com carinho e respeito: A recordação do mesmo homem — meu pai.

Nita, minha mãe, nasceu e cresceu em São Vicente. Filha de uma família conservadora e religiosa, cedo se rebelou contra os princípios rígidos da família e enveredou por uma profissão independente. Fez-se modista de vestidos e chapéus. Mas modista de gente branca de São Vicente, com atelier montado em casa própria e cerca de seis ajudantes. Conheceu meu pai, muito mais velho, a bordo de um barco argentino onde fora propositadamente para aprender a dançar o tango. Botou o olho naquele homem sereno e seguro de si, bem vestido e elegante, esqueceu o tango e optou por aperfeiçoar a morna.

Meu pai por sua vez sentiu-se fascinado por aquela rapariga meio estouvada que ousara desafiar os costumes da época e arregaçar as mangas para ganhar o próprio sustento. Essa relação durou desde o dia

em que se conheceram até à morte do meu pai. Talvez devesse dizer até hoje pois cinquenta e tal anos depois minha mãe continua fiel à memória daquele amor.

Em Santo Antão, ilha natal do meu pai, ele começou a frequentar a casa de uns parentes na Ponta do Sol. Cada vez que o barco ali parava meu pai era hóspede certo do parente que por sinal tinha uma filha linda como o sol e tímida como um coelhinho sem mãe. Mas como era linda! De pele muito branca e olhos azuis, não fosse o ondulado miudinho do cabelo, dir-se-ia tratar-se de uma nórdica. Muito prendada, bordava com uma perfeição única e os seus trabalhos já tinham corrido mundo em embrulhos de encomendas das ilhas. Meu pai viu na timidez da Ana Maria um desafio irresistível, exacerbado pelo facto de ter ouvido dizer que ela tinha uma linda e cristalina voz que só soltava na igreja.

Deu logo um jeito de aportar à Boca de Pistola num Domingo. De fato completo e colete, relógio de corrente, chapéu de feltro e sapatos de verniz compareceu à missa a tempo de ouvir a bela voz de Ana Maria no hino sacro que se entoava no final do ofício religioso. Suavemente se pôs ao lado dela vendo, com o coração aos pulos, como ela corava.

À saída da missa ombrearam até a casa onde mais um prato fora colocado para aquele primo tão simpático e conversador que tinha sempre histórias tão interessantes para contar. Desde esse dia Ana Maria se prendeu ao amigo da família. Erguia os olhos do bastidor mais vezes do que o protocolo da época permitia. Cada vez mais enleada sentia que o primo não tirava os olhos dela em momento algum e ficou ali hipnotizada para sempre. Meses depois ficaram noivos e quando aconteceu a tragédia daquela morte repentina Ana Maria desfeita pela dor teve que enfrentar um facto bem palpável: estava grávida.

Chencha era uma autêntica cabrita das dunas. Criada solta nos areais de Sal Rei, não era qualquer rapaz que a vencia na luta corpo a corpo. O dela bem bronzeado e roliço escorregava e sumia por entre as tamareiras e os botes dispersos pela praia. Uma Maria-rapaz, ela era na verdade o homem da casa desde que Tchinôte, seu pai, morrera no mar e a mãe, com o desgosto, nunca mais tirara o vestido preto nem saíra à rua.

Chencha crescera e se fizera rapariga remando, indo pescar nos botes que o falecido pai abandonara tão cedo, lutando pela vida como pescadora e dona de botes. Nas lides do mar, na partilha do peixe, na venda, na secagem, na embalagem das encomendas de peixe seco para as outras ilhas, ela aprendeu a ser *GENTE* com letra grande na escola da beira-mar. Bonita e solta não tinha ainda arranjado o primeiro namorado pois os rapazes que derrotava nas lutas na areia eram outros tantos pretendentes que perdia. Ela também não queria ninguém a atrapalhar-lhe a liberdade. Precitava de um homem para quê? Se fazia tudo sem pedir ajuda de ninguém, para que havia de arranjar homem? Só para a fazer sofrer?

João Lopes
Filho
(Rebeldes do
Quadrado Amarelo)

Na apanha da lagosta também era exímia, única rapariga da Ilha que se atrevia a tanto. Foi exactamente ao emergir das águas com um crustáceo em cada mão e o corpo cor de bronze velho, salpicado de espuma e salitre que deparou com aquele homem dentro do bote. Sorriu para ela. Um sorriso tão doce, uma meiguice boiando em mel nos olhos castanhos. Tão bonito! Tão limpo! A camisa branca brilhava ao sol. Olharam-se, sorriram e Chencha sentiu naquele instante, suspenso entre o mar e o céu, uma perturbação que nunca experimentara.

Apeteceu-lhe colocar a cabeça daquele desconhecido no colo e passar a mão no seu cabelo. Em vez disso, estabanada, atirou-lhe as lagostas para dentro do bote e sumiu no oceano.

Meu pai conservou ainda o sorriso por algum tempo. Deitado ao comprido na tábua que atravessa o bote, ao sabor da maré, olhou o céu, olhou longamente o mar e pensou: Cheguei ao porto. Segurando os remos do pequeno bote remou para terra. Nos seus lábios ainda pairava aquele indefinido sorriso de quem vira algo muito especial, quase uma aparição fugidia, somente as lagostas ainda vivas ali a seus pés confirmavam que não fora pura e simples alucinação.

(Em terra procurou em vão a rapariga. Ela sumira. Ou seria uma sereia, uma deusa do mar daquela ilha sedutora?

O que ele mais adorava na Boa Vista eram aqueles passeios solitários no seu botezinho. Na tarde seguinte à aparição, deixou-se ficar no bote ao sabor das águas mansas e rasas. Alguma coisa lhe dizia que se havia um lugar onde era possível ver de novo a sereia da véspera, esse lugar era ali no meio do mar tendo como testemunhas apenas as aves que passavam no seu voo dolente. Não tardou. Uma sombra passou debaixo do bote e logo uma gargalhada cascadeou por trás das suas costas. Voltou-se e viu-a. Num segundo Chenchá se agarrou às bordas do bote e içou o corpo esbelto para dentro. Ali começou um amor tão terno e diferente de todos quantos tivera. Meses depois Chenchá teve uma menina mas nunca quis dizer a ninguém quem era o pai. Crescendo num meio tão pequeno a menina acabou descobrindo tudo. Anos mais tarde Chenchá casou e teve vários outros filhos mas aquela primeira seria sempre a menina dos seus olhos, tão parecida com o pai...

A cabotagem das Ilhas, única ligação na época, levou o meu pai à Brava, bem no meio da festa de São João.

A ilha toda, engalanada de flores e moças bonitas, o recebeu em apoteose. Dançou, tocou bandolim, brincou e namoriscou toda a noite mas no dia seguinte tudo parecia muito confuso excepto um rosto, o da Inês, uma moça de São Vicente que ali trabalhava como professora. Já a vira em viagens anteriores. Porque então agora não lhe saía do pensamento aquela imagem de frescura, uma rosa em manhã de orvalho? Era muito bonita! Havia nela uma fragilidade que o comovia. Nessa noite de São João, ela vestia-se de azul claro e tinha uma flor no cabelo. O seu rosto lavado brilhava de pura beleza à luz tremeluzente das fogueiras espalhadas aqui e ali rodeadas de jovens, meninos e gente de todas as idades, os mais novos atravessando as labaredas no meio de gargalhadas, gritos e segredinhos pois dizia-se que a moça que não quizesse saltar é porque já não era virgem.

Meu pai aproximou-se dela provocador:

— Então não sabe o que eles vão pensar de si?

— Sei sim. Mas pensando bem não é muito importante. Ou você acha que é o único predicado que interessa numa moça?

— Meu Deus não! Não ligo a isso. Mas você, podia ignorar esse pormenor...

Muito novinha, com apenas 19 anos Inês fizera o 5º ano dos Liceus em São Vicente e levada por uma madrinha solteirona e abastada fora continuar os estudos em Lisboa. Filha de família numerosa e pobre teve que aceitar esse lugar de professora para ajudar os pais e os irmãos mais novos. Apesar de querida e respeitada a senhora professora não tinha muito a ver com as gentes da ilha. Aquele amigo marítimo que aparecia uma vez por mês punha a Inês num doce alvoroço contando os dias e mirando o horizonte constantemente. Passou a descer à Furna ao reconhecer, ao longe, o navio que lhe trazia o amigo tão querido. Ela nem percebeu quando foi que aquela amizade se transformou em algo mais envolvente, um calorzinho aconchegante na sua vida deserta.

Quando deu por si estava apaixonada pelo seu amigo marinho que ia e vinha sem dar muitas explicações, sem passado, sem história. Era seu homem e isso lhe bastava. Sempre habituada a tirar tão pouco da vida, não exigia mais nada.

A notícia da morte inesperada apanhou-a completamente desprevenida. Um choque indescritível e de terríveis consequências. Estava grávida de quatro meses. Tudo o que tinha sonhado para os dois e para o filho de ambos se desmoronava. Restava o filho no seu ventre porque até mesmo o emprego perdeu. A lei era intransigente. Funcionária do estado não podia ser mãe solteira.

Deixou-se ficar na Brava até o filho nascer passando a viver dos bordados que fazia. Os pais em São Vicente, na ignorância do que se passava, estranharam a ausência nas férias e, intrigados, procuraram saber a verdade. Inês acabou voltando para casa. Anos mais tarde casou com um rapaz de Santo Antão, para sorte sua, um verdadeiro pai para o filho que feito homem optou pela ilha onde nascera. Vive na Brava.

Essas são as histórias que eu conheço com mais pormenores. Ultimamente tenho sentido uma ânsia cada vez maior de conhecer a história completa da vida do meu pai. Ao aproximar-se a reforma sinto que irei dedicar todas as minhas energias a essa tarefa.

Como foi possível um homem amar tantas mulheres, todas tão diferentes umas das outras e em cada uma delas descobrir um encanto irresistível? Isso sempre me intrigou. Mas mais perplexo fico quando penso nelas. Todas o amaram até às últimas consequências e nenhuma o amaldiçoou. Nunca ouvi uma palavra amarga da boca de qualquer delas nem dos meus irmãos. Liga-nos uma amizade profunda. Por isso é que quando vou de férias nas Ilhas tenho que ter cuidado para não magoar nenhum. Somos todos diferentes uns dos outros mas algo muito forte nos liga fazendo-nos adoptar os outros irmãos que muitos adquiriram nas outras ligações das mães. É um sentimento muito terno, muito bom. Não imagino a minha vida sem ele. É como se o imenso amor que meu pai tinha para dar pairasse sobre nós, sempre presente nas nossas vidas através dos anos, algo quase palpável.

Nunca acreditei em percepções extrasensoriais mas quando eu chegar às ilhas e nos juntarmos uns quatro ou cinco irmãos na mesma sala ou restaurante, eu sei que vou sentir aquela velha sensação de que algo muito aprazível e que não podemos ver nem entender está ali connosco.

*7^o de
ilhas
p' o meu
andor*



Fátima Bettencourt nasceu a 16 de Fevereiro de 1938 na Ilha de Santo Antão e cresceu em S. Vicente onde fez o Liceu. Fez o Curso do Magistério Primário em Lisboa e exerceu sempre a profissão de professora. Paralelamente seguiu também a via jornalística, tendo trabalhado como locutora e produtora de programas radiofónicos em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Nos últimos anos é produtora e apresentadora de programas da Rádio Educativa de Cabo Verde. Tem vários contos e artigos premiados em concursos literários e participação dispersa por vários jornais e revistas com crónicas e contos.

"Semear em Pó" - contos - é o primeiro livro que vem a público.

Edição patrocinada pelo Ministério da Cultura e da Comunicação Social